



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 19/10/2018 a 25/10/2018

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
19/10/2018	8,56	313,10	29,14	5,14	3,67
22/10/2018	8,58	312,80	29,15	5,08	3,69
23/10/2018	8,57	310,70	28,76	5,09	3,70
24/10/2018	8,50	306,10	28,61	4,99	3,68
25/10/2018	8,41	304,30	28,39	4,87	3,61
<b>Média</b>	<b>8,52</b>	<b>309,40</b>	<b>28,81</b>	<b>5,03</b>	<b>3,67</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos  
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos  
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	85,00	-3,4
RS - Santa Rosa	84,50	-2,9
RS - Ijuí	84,50	-2,9
PR - Cascavel	83,00	-1,8
MT - Rondonópolis	75,00	-3,8
MS - Ponta Porã	79,50	-1,8
GO - Rio Verde (CIF)	77,00	-4,9
BA - Barreiras (CIF)	70,00	0,0
MILHO		
Argentina (FOB)**	162,00	-1,2
Paraguai (FOB)**	120,00	-7,7
Paraguai (CIF)**	160,00	-3,0
RS - Erechim	38,50	-4,9
SC - Chapecó	38,00	-1,3
PR - Cascavel	31,50	-1,6
PR - Maringá	32,00	-1,5
MT - Rondonópolis	23,00	0,0
MS - Dourados	28,00	0,0
SP - Mogiana	33,00	-2,9
SP - Campinas (CIF)	34,00	-2,8
GO - Goiânia	30,00	0,0
MG - Uberlândia	33,00	-2,9
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	750,00	-11,8
RS - Santa Rosa	750,00	-11,8
PR - Maringá	860,00	-9,5
PR - Cascavel	870,00	-3,3

24/10/2018

ND = Não Disponível.

(\*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 25/10/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	36,45	78,21	39,23

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 25/10/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	43,43
Feijão (saco 60 Kg)	139,47
Sorgo (saco 60 Kg)	28,39
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,10
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,24
Boi gordo (Kg vivo)*	4,68

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, nesta semana, recuaram sensivelmente após terem atingido o melhor patamar, na semana anterior, desde o início de agosto. Com isso, o bushel de soja, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (25) em US\$ 8,41, contra US\$ 8,63 uma semana antes e US\$ 8,91 no dia 15/10.

A continuidade do clima seco nas regiões produtoras dos EUA, que já vem desde o final da semana passada, permitiu um bom avanço na colheita recorde de soja naquele país, diminuindo as tensões altistas no mercado. Tanto é verdade que, até o dia 21/10, a área colhida com soja nos EUA chegava a 53% do total, contra 69% na média histórica. Embora atrasada, a colheita vem se recuperando nesta segunda quinzena de outubro graças a um clima favorável.

Por outro lado, das lavouras a serem colhidas, a qualidade das mesmas recuou um pouco, ficando com 66% entre boas a excelentes, 23% regulares e 11% entre ruins a muito ruins.

Paralelamente, a valorização do dólar e o recuo nas cotações do milho e do trigo em Chicago ajudaram a reduzir o preço da soja naquela Bolsa.

Ao mesmo tempo, em meio a guerra comercial com os EUA, a China anuncia que possui grandes estoques de soja e que não espera flutuações importantes de preços da oleaginosa. Entre janeiro e agosto os chineses importaram 70% de suas compras junto ao Brasil, enquanto teriam aumentado a área semeada com soja em seu território. É bom lembrar que a produção de soja pela China é pequena (ao redor de 12 milhões de toneladas) diante das necessidades do país.

O lado negativo na China é que as autoridades locais detectaram, nesta semana, quatro novos casos de peste suína africana, levando a mais abates de suínos. Os casos foram identificados nas províncias de Hunan e Yunnan, no sudoeste do país. (cf. Safras & Mercado)

Enquanto isso, as exportações líquidas de soja por parte dos EUA, para o ano comercial 2018/19, atingiram a 293.600 toneladas na semana encerrada em 11/10, ficando muito aquém do esperado pelo mercado. Já as inspeções de exportação somaram 1,15 milhão de toneladas na semana encerrada em 18/10, ficando dentro do esperado pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial, iniciado em 1º de setembro, o volume inspecionado chega a 5,9 milhões de toneladas, contra 9,8 milhões em igual momento do ano passado. Portanto, uma redução de 40% em relação ao ano anterior.

No Brasil os negócios permanecem limitados a volumes pouco expressivos, com nítida queda de preços locais. Isso se deve, além do recuo em Chicago, a continuidade da valorização do Real que, em alguns momentos desta semana, chegou a ser cotado a R\$ 3,66 por dólar. Na média, o câmbio oscilou ao redor de R\$ 3,70 mais uma vez.

Assim, o balcão gaúcho recuou para a média de R\$ 78,21/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 84,50 e R\$ 85,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 69,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 84,00 no norte do Paraná e em Abelardo

Luz (SC), passando por R\$ 75,50 em São Gabriel (MS); R\$ 75,00 em Goiatuba (GO) e Uruçuí (PI); e R\$ 72,00/saco em Pedro Afonso (TO).

O único elemento importante na formação do preço interno que se manteve firme foi o prêmio. O mesmo oscilou entre US\$ 2,28 e US\$ 2,67/bushel nos diferentes portos brasileiros. No ano passado, nesta época do ano, os mesmos giravam entre US\$ 0,50 e US\$ 1,02/bushel. Ou seja, os prêmios estão, em média, 226% mais elevados do que no ano passado no final de outubro, graças ao conflito comercial entre EUA e China que faz os chineses buscarem mais soja no Brasil.

Enfim, o plantio da nova safra de soja no Brasil, até o dia 19/10, atingia a 28% da área esperada no país, contra 18% na média histórica. O Paraná já havia semeado 50% de sua área, assim como o Mato Grosso. Já o Mato Grosso do Sul atingia a 35%, Goiás 22%, São Paulo e Minas Gerais 20% cada um, Santa Catarina 8% e Bahia 2%. O Rio Grande do Sul ainda não registra plantio da oleaginosa.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente recuaram nesta semana, porém, o movimento foi menos intenso do que o da soja, mais uma vez. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (25) em US\$ 3,61, contra US\$ 3,70 uma semana antes.

O clima favorável nos EUA, nesta última semana, permitiu um bom avanço da colheita de milho, diminuindo as tensões sobre as cotações. Até o dia 21/10 a colheita atingia a 49% das lavouras do cereal, esperando-se que até o início de novembro a mesma chegue entre 70% a 75% da área total.

Ao mesmo tempo, as exportações de milho estadunidenses não têm sido muito importantes, ficando em 949.170 toneladas na semana anterior e 382.500 toneladas na semana encerrada em 11/10. Neste último caso, as mesmas foram 72% inferiores à média das quatro semanas anteriores. O México foi o maior comprador, com 162.500 toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Ajudou ainda a frear o mercado as novas turbulências políticas mundiais, agora em relação à Arábia Saudita e a Turquia, as contas públicas ruins na Itália e outros fatores.

Na Argentina, a tonelada FOB de milho fechou a semana em US\$ 162,00, enquanto no Paraguai a mesma ficou em US\$ 120,00.

Já no Brasil, os preços do milho voltaram a recuar. A média gaúcha no balcão caiu para R\$ 36,45/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 37,00 e R\$ 38,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 18,00/saco em Sorriso, Sapezal e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 38,50/saco em Videira, Concórdia e Campos Novos (SC).

A nova valorização do Real durante a semana colocou mais dificuldades nas exportações do cereal, com o mercado esperando um câmbio ao redor de R\$ 3,60 após as eleições deste domingo. Com isso, o preço no porto de Santos caiu para R\$

34,00/saco, levando os prêmios a níveis muito próximos dos praticados no Golfo do México e na Argentina, assim como retirando o interesse de venda para exportação.

Há uma forte pressão de venda de milho de outros Estados no mercado paulista, com preços girando entre R\$ 33,00 e R\$ 35,00/saco mais ICMS. Com isso, a média paulista recua, porém, mesmo assim pequenos lotes de milho continuam sendo ofertados, fato que deixa os compradores em posição ainda confortável. Na prática, diante do atual câmbio, as tradings, que haviam adquirido milho para exportação, estão colocando-o no mercado interno, forçando a baixa de preços neste momento.

Assim, a liquidação de lotes no mercado físico, por parte de grandes vendedores internos, igualmente se faz presente, devendo isso continuar a ocorrer até o final do ano, salvo se houver reversão no quadro cambial. Analistas consideram que as tradings, provavelmente, perderam o melhor período para exportar o milho neste segundo semestre. (cf. Safras & Mercado)

Quanto às exportações em si, há previsão de embarques em outubro na altura de 3,5 milhões de toneladas e novembro já ultrapassando um milhão de toneladas. Resta verificar se isso realmente será confirmado na prática. E mesmo assim, os volumes estão aquém das necessidades nacionais, no sentido de desovar os estoques existentes antes da chegada na nova safra de verão. Aliás, nestas condições, em não havendo frustrações climáticas na safra de verão de milho, os preços nacionais deverão recuar bem mais a partir de fevereiro próximo.

Enfim, a comercialização da safrinha, neste mês de outubro, teria atingido a 63% do volume colhido, contra 55% na mesma época do ano passado. O volume colhido na safrinha nacional, neste ano, ficou em 48,6 milhões de toneladas, contra 67,4 milhões no ano passado. Já o plantio da nova safra de verão do cereal no Brasil chegou a 46% da área esperada, contra 45% nesta mesma época do ano passado. No Rio Grande do Sul o mesmo chegou a 76% da área, no Paraná a 68% e em Santa Catarina a 56%. (cf. Safras & Mercado)

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram nesta semana e voltaram a romper o piso dos US\$ 5,00/bushel, fato que não ocorria há mais de 30 dias. O fechamento desta quinta-feira (25) ficou em US\$ 4,87/bushel, contra US\$ 5,13 uma semana antes.

O clima mais seco nos EUA favoreceu ao plantio do trigo de inverno, sendo que até o dia 21/10 cerca de 72% da área local havia sido semeada, contra 77% na média histórica. Ao mesmo tempo, as exportações do cereal estadunidense, mesmo sendo positivas, ficaram dentro do esperado pelo mercado, não causando maiores reações altistas. As mesmas atingiram a 476.000 toneladas na semana encerrada em 11/10, ficando 40% acima da média das quatro semanas anteriores. Já as inspeções de exportação, na semana encerrada em 18/10, chegaram a 385.047 toneladas, desanimando um pouco o mercado.

Para temperar a pressão baixista, veio a notícia de que o Brasil, diante das perdas importantes que começam a ser constatadas em sua safra atual, deverá voltar a

importar trigo dos EUA, especialmente agora que o câmbio se tornou bem mais favorável. Entretanto, a notícia de que a Ucrânia poderá ter uma safra um pouco maior do que o esperado (64 milhões de toneladas) esfriou parcialmente o mercado no final da semana.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 215,00 e US\$ 225,00, na compra. Já para a safra nova a mesma ficou em US\$ 215,00, igualmente na compra.

Por sua vez, no Brasil, os preços do trigo voltaram a recuar diante da pressão da colheita, apesar das quebras importantes que começam a ser constatadas. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 39,23/saco, enquanto os lotes recuaram para R\$ 45,00/saco. Em uma semana, os lotes no mercado gaúcho perderam 11,8% em seu preço. No Paraná, o balcão veio entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco, enquanto os lotes caíram para valores entre R\$ 51,60 e R\$ 52,20/saco. O recuo no preço dos lotes paranaenses ficou, na semana, entre 3,3% e 9,5%, dependendo da região. Em Santa Catarina, igualmente o balcão ficou entre R\$ 42,00 e 43,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, ficaram em R\$ 48,60/saco. O recuo no preço dos lotes nesta região chegou a 7,4% nesta semana.

Portanto, o viés é de baixa para o trigo nacional nas próximas semanas, embora o clima ruim continue atingindo muitas lavouras ainda no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Neste contexto, a indústria, aproveitando-se de um câmbio bem mais favorável, vem se abastecendo de trigo importado, o qual acaba apresentando preços interessantes na atualidade. E isso ocorre também porque o trigo até agora colhido no Brasil não apresenta a qualidade desejada pelos moinhos locais.

No Paraná, nesta última semana, a chuva atrasou a colheita, mais uma vez, em muitas regiões, causando novos prejuízos às lavouras. No Rio Grande do Sul, produtores continuam reportando rendimentos bem abaixo do esperado, com qualidade de mediana a ruim na maioria das lavouras já colhidas.

Nestas condições, as importações de trigo por parte do Brasil serão bem mais volumosas neste novo ano comercial do que o previsto inicialmente. Assim, os produtores brasileiros assistem a um recuo dos preços pela pressão da colheita e devido a baixa qualidade do grão, mesmo diante de uma safra bem menor do que o esperado inicialmente.

Em síntese, a colheita no Paraná se aproxima dos 80% da área, enquanto no Rio Grande do Sul a mesma chegaria ao redor de 25% neste final de semana. Nos dois casos, as perdas de produção são importantes, assim como a forte redução na qualidade do produto colhido. Este quadro tende a manter firmes os preços do produto de qualidade superior, porém, deverá continuar reduzindo os preços médios praticados no balcão para o produto em geral. Especialmente se o câmbio continuar favorecendo às importações, como tem sido o caso desde que voltou à casa dos R\$ 3,70 por dólar.